

Laço social: uma ilusão frente ao desamparo

Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

O autor parte da interface desenvolvimento cultural *versus* conflitos dinâmicos constitutivos do Eu para apresentar a hipótese segundo a qual a leitura dos textos freudianos sugere que o laço social, criação de Eros, é uma dentre as várias “soluções” que o ser humano utiliza frente ao desamparo. Tal solução se mostra uma ilusão, no sentido freudiano do termo: uma crença motivada pela realização de um desejo, cuja força origina-se em um dos mais prementes desejos da humanidade: a necessidade de proteção através do amor. O texto discute os principais elementos que permitem a Freud, entre 1905 e 1913, estabelecer as três fases da evolução do pensamento da humanidade – a animista, a religiosa e a científica –, cujas provas ele encontra na clínica. Antes da Primeira Guerra Mundial, Freud baseava-se em Darwin e em Lamarck, e acreditava em um progresso da civilização. Com a Guerra, entretanto, a ideia de progresso é radicalmente questionada, revelando-se ser uma utopia, e Freud é obrigado a admitir que as nações mais civilizadas são capazes dos maiores horrores. Ou seja, o retorno à barbárie é uma possibilidade sempre presente quando o ser humano se vê ameaçado em seu narcisismo, e deve enfrentar o seu estado do desamparo. Neste tipo de situação é toda a civilização, todo laço social, que corre o risco de desaparecer.

Palavras-chave

Laço social, Utopias, Desamparo, Dinâmica pulsional.

O princípio de evitar o desprazer domina as ações humanas até ser substituído pelo princípio melhor de adaptação ao mundo externo.

Pari passu com o controle progressivo dos homens sobre o mundo segue uma evolução de sua Weltanschauung, sua visão do universo como um todo.

Cada vez eles se afastam mais de sua crença original na própria onipotência, elevando-se da fase animista para a religiosa e desta para a científica.

Os mitos, a religião e a moralidade podem ser situados nesse esquema como tentativas de busca de compensação da falta de satisfação dos desejos humanos.

(Freud, 1913)

Introdução

A interface desenvolvimento cultural versus conflitos dinâmicos constitutivos do Eu permite a hipótese segundo a qual a leitura dos textos freudianos sugere que o laço social, criação de Eros, pode ser entendido como uma solução para o desamparo. Entretanto, tal solução se mostra uma ilusão, no sentido freudiano do termo: uma crença motivada pela realização de um desejo. A ilusão tira sua força de um dos mais prementes desejos da humanidade: a necessidade de proteção através do amor¹.

A história nos ensina que o ser humano sempre recorreu, sem sucesso, a expedientes internos e/ou externos para lidar com o seu desamparo (*Hilflosigkeit*) constitucional². Entretanto, o desamparo não diz respeito apenas ao período de tempo no qual o bebê está “em condições de desamparo e dependência”³ de um outro capaz de aliviar a tensão interna. Existe uma outra forma de desamparo bem menos discutida: o desamparo psíquico. Ele se caracteriza pela impossibilidade do recém-nascido em lidar com as exigências pulsionais filogeneticamente herdadas⁴ devido à inexistência de um aparelho psíquico ao nascimento. Para lidar com o desamparo psíquico, Eros, responsável pelas ligações pulsionais, age de forma a produzir investimentos libidinais que confortam, imaginariamente, o Eu em constituição. O universal do desamparo se sin-

gulariza na história de cada um, a partir da relação de total dependência que a criança estabelece com quem lhe deu vida psíquica.

Esta primeira fase de dependência pode ser qualificada de *fisiológica*, posto que o que está em jogo são as satisfações das necessidades vitais que garantam a sobrevivência do recém-nascido. Concomitantemente, um primeiro estado psíquico aparece: o da satisfação alucinatória do desejo no qual os traços da primeira experiência de satisfação são investidos, tornando a espera do reencontro com objeto suportável. A dinâmica pulsional gerada por esta nova situação demanda um novo tipo de “alimento”, não mais fisiológico, mas psíquico: afeto, amor, reconhecimento, palavra, linguagem... gerando outra forma de dependência: a dependência psíquica. Os destinos dessa dependência são inúmeros. Dentre eles, temos as religiões, as ligações inquestionáveis aos mestres, às teorias tomadas como verdades, as adições e, provavelmente, as que mais nos fazem sofrer: nossas relações com o outro nas quais “a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer”⁵. Enfim, a dependência psíquica se expressa nas diversas formas discursivas que nos dão a ilusão de sermos confortados e acolhidos, o que nos evita de falar em primeira pessoa.

É em relação aos pais⁶ que esta primeira dependência se manifesta, sobretudo na crença de que possuem poderes sem

1. FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. *ESB*, v.XXI, 1974.

2. Cabe lembrar o que já disse anteriormente: o termo *Hilflosigkeit* é composto de três palavras: *Hilfe*, que significa socorro; *los*, que pode ser definido por sem; *keit* que forma o substantivo. *Hilflosigkeit* seria melhor traduzido por “insocorribilidade”. Somos, por definição, “insocorribíveis”. (Conf.: CECCARELLI, P. R. Perversão e suas versões. *Reverso*, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, ano XXVII, n.52, p.43-50, 2005.)

3. FREUD, S. (1926). Inibições sintomas e ansiedade. *ESB*, v.XX, 1976, p.179.

4. FREUD, S. (1915). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

5. FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *ESB*, v.XXI, 1974, p.83.

6. A partir dos novos arranjos familiares, o significante “pais” deve ser entendido como sinônimo de expressões tais como: *aqueles(as) que acolhem a criança no mundo*; *aquele(a)(s) que recebe a criança no mundo*; *aqueles(as) que cuidam do recém-nascido*; ou ainda, *aqueles(as) que dão vida psíquica ao bebê*. Tais formulações descrevem melhor as organizações familiares da atualidade, que definem os laços afetivos que sustentam a circulação pulsional do recém-nascido (Conf.: CECCARELLI, P. R. Novas organizações familiares: mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 89-102. 2007).

limites. Mais tarde, os pais são substituídos pelos deuses ou por aqueles que acreditamos possuírem capacidades mágicas e, como eles, poderes ilimitados. Em contrapartida, esperamos ser amados e protegidos por estes seres supremos, e estamos prontos a tudo para não perder a ilusão de que sob sua proteção, nada nos acontecerá.

Com o passar do tempo adquirimos uma certa autonomia, mas a nostalgia do passado continua a exercer uma misteriosa atração, sobretudo quando o presente nos parece doloroso, o que acontece com frequência. Voltamo-nos, então, para o passado – quando “eu era feliz e ninguém estava morto” (F. Pessoa) –, na esperança de ali reencontrarmos a idade de ouro perdida para sempre: “o encantamento de nossa infância, que nos é apresentada por nossa memória não imparcial como uma época de ininterrupta felicidade”⁷.

Ao longo da vida, reagimos às inevitáveis situações de desamparo que temos que enfrentar segundo o protótipo construído na infância: frente à angústia, buscamos alento no mundo interno ou nas construções imaginárias simbólicas: os laços sociais que o mundo externo nos oferece fazem parte destas construções. Nesta perspectiva, os laços que estabelecemos para lidar com o desamparo psíquico variam segundo a cultura e o momento histórico. Todos nós, à nossa maneira, estamos sempre em busca de utopias na esperança de que elas nos tragam de volta o Paraíso perdido.

Freud e as utopias⁸

Apoiado no Iluminismo que consiste, basicamente, em recusar todo apriorismo

referente a uma visão teológica ou metafísica e basear-se na observação e na ciência para se alcançar a verdade, Freud parte da ideia de “progresso” segundo as teses científicas de Darwin e de Lamarck, resumidas na “lei” de Ernst Haeckel. Seguindo o modelo geológico de estratos, as aquisições filogenéticas se depositariam no psiquismo, como bem o mostra a estrutura de desenvolvimento do cérebro. E as novas aquisições evolutivas suplantariam as antigas. Para Freud, existiria um progresso⁹ da civilização, graças ao trabalho da cultura (*Kulturarbeit*). Temos aqui os principais elementos que permitem a Freud, entre 1905 e 1913, estabelecer as três fases da evolução do pensamento da humanidade – a animista, a religiosa e a científica –, cujas provas ele encontra em suas observações clínicas:

“Poder-se-ia sustentar que um caso de histeria é a caricatura de uma obra de arte, que uma neurose obsessiva é a caricatura de uma religião e que um delírio paranóico é a caricatura de um sistema filosófico. (...) Se analisarmos os instintos em ação nas neuroses, descobriremos que a influência nelas determinante é exercida por forças instintivas de origem sexual; as formações culturais correspondentes, por outro lado, baseiam-se em instintos sociais, originados da combinação de elementos egoístas e eróticos. As necessidades sexuais não são capazes de unir os homens da mesma maneira que as exigências da autopreservação. A satis-

7. FREUD, S. (1939). Moisés e o monoteísmo. *ESB*, v.XXIII, 1975, p.89.

8. Parte desta reflexão é baseada na conferência de Joël Bernat “La crise du sujet savant: Freud, ou l’illusion de progrès”, apresentada no colóquio «Ethiques et modernités», organizado pela U.F.R. Langues et Civilisations Étrangères, em dezembro de 2002.

9. É importante lembrar que a ideia de um “progresso” da humanidade, ou ainda de um “mito do progresso”, aparece a partir do séc. XVIII e, no fundo, nada mais é que uma visão do mundo e não uma verdade. É nesta prescritiva que, num primeiro momento, a psicanálise se inscreve: sublimação, substituir o recalçado por uma repressão consciente, e outros tantos propósitos do início da psicanálise.

*fação sexual é, essencialmente, assunto privado de cada indivíduo*¹⁰.

A compreensão da fase anímica, que trata da crença nos espíritos, no invisível, é importante, pois é a condição preliminar de toda religião. O invisível é uma projeção do que se desconhece internamente e tem no sonho, no êxtase, na doença e nos fenômenos enigmáticos a sua confirmação. A “explicação” para os enigmas foi feita através da atribuição de uma alma a tudo, seja animando ou inanimando. Foi também nesse tempo primeiro que a palavra teria adquirido seu poder mágico, como o de substituir as coisas. Tal sentimento persiste ao longo da vida naquilo que chamamos de onipotência infantil da palavra. Encontramos aqui, também, as raízes da necessidade humana de historicizar os acontecimentos para torná-los compreensíveis: quando algo nos escapa, tendemos a encontrar explicações em causas sobrenaturais ou no destino. (Talvez, um dos maiores exemplos da onipotência da palavra seja a crença na força da oração.) Freud baseia-se no animismo para introduzir na clínica a ideia segundo a qual existiria uma equivalência entre o neurótico e o primitivo. Para Freud,¹¹ o animismo é “um sistema de pensamento, a primeira teoria completa do universo” que continua presente até hoje em todos nós, como revela a análise de algumas formas do estranho (*Das Unheimliche*):

“É como se cada um de nós houvesse atravessado uma fase de desenvolvimento individual correspondente a esse estágio animista dos homens primitivos, como se ninguém houvesse passado por essa fase sem preservar certos resíduos e traços dela, que são ainda

*capazes de se manifestar, e que tudo aquilo que agora nos surpreende como ‘estranho’ satisfaz a condição de tocar aqueles resíduos de atividade mental animista dentro de nós e dar-lhes expressão*¹².

Se na fase animista ocorre uma projeção no mundo exterior de moções pulsionais e afetos inconscientes difíceis de controlar transformando-os em forças supraterrrestres, um tal movimento psíquico não cumpre o seu objetivo: regular a dinâmica pulsional com toda a ambivalência que ela comporta. Como recurso, via elaboração secundária, um nova fase – a religiosa – apareceu. Nesta, uma potência oculta onipotente – um mestre, Deus, e mais tarde o clero, uma instituição... baseada na figura parental –, é criada e a ilusão (sem dúvida mais elaborada) do controle das forças ocultas desconhecidas lhe é atribuída. Com este expediente, a dependência infantil aos pais é substituída pela dependência ao mestre suposto amar e proteger todos e todas sem discriminações¹³. Sabemos, entretanto, que a ligação edípica com os pais se repete na relação que o indivíduo estabelece com Deus, ou com o mestre. Além disso, a posição narcísica persiste na ideia segundo a qual agradando a Deus, Ele atenderá minhas reivindicações. O mundo é transformado em espelho do psiquismo e uma nova visão de mundo é criada. Toda e qualquer ameaça de destruir, ou mesmo de questionar esta visão de mundo é sentida pelo sujeito como um ataque direto a sua organização narcísica, o que põe em risco seu controle pulsional. As perseguições, guerras e atentados presentes desde sempre na História mostram as forças psíquicas titânicas mobilizadas

10. FREUD, S. (1912). Totem e tabu. *ESB*, v. XIII, 1974, p.95.

11. FREUD, S. (1912). Idem, p.118 (o grifo é meu)

12. FREUD, S. (1919). O estranho. *ESB*, v.XVII, 1976, p.300.

13. FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do Ego. *ESB*, v.XVIII, 1976.

para que a ilusão seja mantida, e que o sagrado permaneça intocável.

Porém, a criação de um Deus e, mais tarde, de um ideal religioso coletivo de fazer Um com o todo não impede que o pulsional individual, que passa a ser concebido como pecado ou culpa, resista aos ideais coletivos. A fase religiosa deve ser superada para que o indivíduo passe da fase infantil à adulta:

“Todos os que transferem a orientação do mundo para a Providência, Deus, ou Deus e a Natureza, despertam a suspeita de que ainda consideram esses poderes supremos e remotos como uma dupla parental, num sentido mitológico, e se acreditam vinculados a eles por laços libidinais”¹⁴.

Liberados do jugo religioso, os homens se voltariam para a ciência na esperança de aí encontrarem respostas claras e despojadas de qualquer elemento mágico. Como citado em epígrafe, *“cada vez eles [os homens] se afastam mais de sua crença original na própria onipotência, elevando-se da fase animista para a religiosa e desta para a científica”¹⁵.*

As relações entre as fases da humanidade, explicadas filogeneticamente, apoiam-se, mais uma vez, em teses evolucionistas, tal como Freud as apresenta no texto não publicado por ele *Neuroses de transferência: uma síntese*¹⁶: a história do desenvolvimento individual (ontogênese) repete o desenvolvimento da espécie (filogênese). A neurose seria uma fixação na filogênese, o que impediria o desenvolvimento da ontogênese. E, da mesma forma que a neurose é uma “religião” individu-

al, a religião é a neurose da humanidade. À ciência, a possibilidade de modificar esta situação:

“Na fase animista, os homens atribuem a onipotência a si mesmos. Na fase religiosa, transferem-na para os deuses, mas eles próprios não desistem dela totalmente, porque se reservam o poder de influenciar os deuses através de uma variedade de maneiras, de acordo com os seus desejos. A visão científica do universo já não dá lugar à onipotência humana; os homens reconheceram a sua pequenez e submeteram-se resignadamente à morte e às outras necessidades na natureza”¹⁷.

Até aqui, como vimos, Freud acredita que o trabalho da cultura (*Kulturarbeit*) dominaria o pulsional. O recalçado retornaria sob um modo aceitável pelo grupo (sublimação), fazendo com que, por um lado, o sujeito perca ao privar-se de uma satisfação pulsional, mas, por outro lado, a cultura, o grupo ganhe. E as três fases de evolução do pensamento da humanidade, com o progressivo controle sobre o mundo externo, representam três diferentes visões do mundo (*Weltanschauung*), sendo a científica a mais adequada à evolução da civilização.

O fim das utopias

A Primeira Guerra Mundial provocou em Freud uma profunda desilusão. Se a ilusão é uma crença motivada pela realização de um dos maiores desejos da humanidade – a necessidade de proteção através do amor, a força de Eros –, a desilusão revela a ineficácia dos expedientes utilizados para lidarmos com o desamparo. (Talvez tenha sido esta desilusão uma das principais responsáveis para a destrui-

14. FREUD, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. *ESB*, v.XIX, 1976, p.210.

15. FREUD, S. (1913). O interesse científico da psicanálise. *ESB*, v.XIII, 1974, p.222.

16. FREUD, S., (1915). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Idem.

17. FREUD, S. (1912). Totem e tabu. Idem, p.110.

ção dos textos metapsicológicos escritos nesta época, e a não publicação do *Neuroses de transferência: uma síntese*.)

O texto de Freud escrito durante a guerra – *Reflexões para os tempos de guerra e de morte* – constitui um verdadeiro desafo, e anuncia mudanças em suas posições teóricas, cuja expressão máxima acontecerá, não sem resistência da parte do próprio Freud, em 1920 com a introdução da noção de *Pulsão de morte*¹⁸.

Toda a ideia de trabalho da cultura (*Kulturarbeit*), de progresso, da capacidade da ciência em fornecer melhores condições de vida desmorona-se quando Freud é obrigado a reconhecer que as nações em guerra são, justamente, as mais “civilizadas”. Pior ainda: os homens mais brilhantes, os sábios, regrediram a um estado de barbárie que em nada deixava a desejar aos povos ditos primitivos ou aos neuróticos graves. O retorno do recalçado, que provoca a perda das aquisições culturais e a volta às condições primitivas, joga por terra suas hipóteses relativas a uma evolução da humanidade a partir de aquisições, aprimoramentos e transmissões de seu capital filogenético.

*“A própria ênfase dada ao mandamento ‘Não matarás’ nos assegura que brotamos de uma série interminável de gerações de assassinos, que tinham a sede de matar em seu sangue, como, talvez, nós próprios tenhamos hoje”*¹⁹.

A evolução biológica, o progresso tecnológico e a constante aquisição de novos conhecimentos graças à fase científica da evolução do pensamento da humanidade não produzem nenhum progresso psíquico. Ainda que exista “progresso” no

que diz respeito aos objetos de satisfação ou aos modos de repressão interiorizados ao longo da história, os conflitos de gerações que sempre existiram continuarão a existir. As experiências pessoais, os “conselhos”, os modos de satisfação, e sobretudo os de evitar o sofrimento não podem ser transmitidos, o que faz com que a história dos seres humanos seja um eterno recomeçar.

O trabalho de cultura nada mais faz do que criar estratégias (aparentemente novas) de recalque e repressão que mascaram o mal-estar (*Unbehagen*) inerente à cultura. As demandas e as vicissitudes pulsionais – sobretudo o par amor/ódio – em nada alteraram com o passar dos milênios:

*“Poder-se-ia dizer que devemos as mais belas florações de nosso amor à reação contra o impulso hostil que sentimos dentro de nós. (...) Ela [a guerra] nos despoja dos acréscimos ulteriores da civilização e põe a nu o homem primitivo que existe em cada um de nós”*²⁰.

Os processos constitutivos do Eu se repetem e os conflitos intra e extrapsíquicos – reivindicações narcísicas, interesses pessoais contra os do grupo – são os mesmos desde a aurora da humanidade: a compulsão à repetição. À menor ameaça de perda dos objetos de satisfação, produz-se um retorno das pulsões destrutivas. A “civilização” existe apenas enquanto dela pudermos extrair satisfação pulsional, segundo o modelo infantil, suficiente para que a frustração seja suportável. Em 1908 Freud já o dissera, embora de forma mais amena:

“Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem

18. FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *ESB*, v.XVIII, 1976.

19. FREUD, S. (1915). Reflexões para os tempos de guerra e morte. *ESB*, v.XIV, 1976, p.335.

20. FREUD, S. (1915). *Idem*, p.338.

*compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado*²¹.

Diante dos novos e inegáveis elementos cheios de contradições que o mundo exterior lhe trouxe, e sob o efeito de seu desencanto para com a ciência, Freud vai repensar toda a sua teoria.

Nenhuma visão de mundo (*Weltanschauung*) – animista, religiosa ou científica – poderá nos socorrer, pois as verdades que propõem são sempre fragmentárias; todas elas são susceptíveis de transformarem-se em um sistema de crença de massa, pois todo discurso, inclusive o científico e o psicanalítico, contém elementos de crenças infantis – logo míticos – que se originam nas teorias sexuais da infância²². O conhecimento teórico nada garante, e quem deseja tornar-se analista deve submeter-se a uma análise para (tentar) compreender melhor sua dinâmica pulsional e suas tendências destrutivas e evitar que o outro seja objeto de projeção. Se as aquisições da análise são integradas pelo sujeito, pode-se falar de uma forma de “evolução”. Caso contrário, elas servirão apenas para fazer barragem ao pulsional e, diante da menor frustração, o dique se rompe fazendo aparecer o infantil e o primitivo.

21. FREUD, S. (1908). Escritores criativos e devaneios. *ESB*, v.IX, 1976, p.151.

22. Para Freud, as teorias científicas para explicar o mundo têm suas raízes nas teorias sexuais infantis. [Conf. FREUD, S. (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. *ESB*, v.VIII, 1976]. Anos mais tarde, Freud se pergunta se as ciências não são mitologias, [Conf. FREUD, S. (1933). Por que a guerra? *ESB*, v.XXII, 1974], e diz que a teoria das pulsões é “nossa mitologia” [Conf. FREUD, S. (1933). Ansiedade e vida pulsional, conf. XXXII. *ESB*, v.XXII, 1976].

A partir daí, os textos freudianos tomam um outro rumo, e surgem as teorizações sobre o Ego e o grupo, a segunda tópica, e tantos outros trabalhos que trazem Freud de volta ao seu interesse primeiro: os problemas culturais.

*“Meu interesse, após fazer um détour de uma vida inteira pelas ciências naturais, voltou-se para os problemas culturais que há muito me haviam fascinado. (...) Percebi ainda mais claramente que os fatos da história, as interações entre a natureza humana, o desenvolvimento cultural e os precipitados das experiências primitivas (cujo exemplo mais proeminente é a religião) não passam de um reflexo dos conflitos dinâmicos entre o ego, o id e o superego que a psicanálise estuda no indivíduo – são os mesmíssimos processos repetidos numa fase mais ampla*²³.

Reflexões finais

Embora o Amor e a Necessidade [Eros e *Ananké*] sejam “os pais da civilização humana”,²⁴ o poder de Eros para manter as ligações de objeto que garantem o processo civilizatório parece não ser tão forte quanto Freud acreditara em um primeiro momento: a civilização não torna os seus participantes mais felizes, pois a função individualizante do sexual, do narcisismo, resiste. O progresso científico não foi acompanhado de nenhum aumento do nível de satisfação e de prazer que se esperava.

Os laços sociais não estão imunes a estas vicissitudes. As guerras nos mostram que basta um pequeno movimento, uma ameaça narcísica, um risco de perder o

23. FREUD, S. (1925). Um estudo autobiográfico. *ESB*, v.XX, 1976, p.90. (Pós-escrito acrescentado em 1935).

24. FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *Idem*, p.121.

objeto de satisfação, de perder uma crença, para que as ligações de Eros se desfçam. Nas últimas décadas temos assistido a guerras entre povos vizinhos, entre grupos étnicos, até então amigos que dividiam o mesmo território. A crise financeira que assolou o mundo no final de 2008 revelou a perversão do sistema e mostrou que as soluções de satisfação são sempre narcísicas. Os laços sociais servem para manter ilusões.

O outro, o que pensa diferente, que tem outra religião, que vem de outra parte, que tem outra história, outras referências identificatórias, outra teoria, transforma-se facilmente em alvo das pulsões agressivas e destrutivas, se ele ameaça revelar o desamparo (psíquico) que as crenças disfarçam. E mesmo nas relação mais próximas – família, casal – o amor pode transformar-se em um ódio nunca imaginado. Nada mais insuportável do que ser decepcionados pelo nosso objeto de amor.

A “desidealização” em relação à ideia de progresso que a guerra provocou em Freud levou-o a um questionamento sobre a psicanálise como libertadora, pois mesmo os mais analisados não estão livres dos conflitos e, à menor ameaça, regridem a posições impensáveis: a história do movimento psicanalítico é rica em exemplos deste tipo.

Para manter o sentimento de que não estamos desamparados, de que somos amados, embora teoricamente saibamos que isto pode ser uma ilusão, muitos se afeeram a um mestre, a uma teoria, a uma escola e não suportam nada que questione este estado de coisas. Temos aqui a verdadeira expressão da neurose de transferência: ela cristaliza o sujeito em uma identificação mortífera, que paralisa Eros e produz a certeza que só existe no olhar daquele que contempla seu ídolo, e recalca a história. Unidos pela e na transferência alguns, na contramão das posições freudianas, transformam a psicanálise em uma visão de mundo, verdadeira religião que

tudo explica. Os membros de “igrejas” diferentes mal se cumprimentam, e não há mais lugar para diálogo. Com isso, o pensamento crítico e criativo desaparece, transformando os pressupostos teóricos em dogmas inquestionáveis²⁵. Algumas instituições psicanalíticas cumprem funções fundamentalistas: propiciar um forma de laço social que serve para manter a ilusão de ser amado e reconhecido, seja pelo mestre, seja pelos colegas, desde que permaneça um discípulo fiel.

Consta que Reich teria relatado a Bettelheim o seguinte episódio²⁶: em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, alguém emitiu a opinião segundo a qual a humanidade como um todo teria muito a lucrar se seus governantes e políticos fossem analisados. Segue-se um caloroso debate. Freud ouvia tudo em silêncio, pois não estava passando muito bem naquele dia. Finalmente, ele foi chamado a opinar. Após haver dito que se alegrava muito com a alta conta em que seus discípulos tinham a psicanálise, ele parou... olhou ao redor da sala e disse: “Quando os vejo, e penso que foram analisados... não posso deixar de ser céptico”. ◻

25. Sobre este ponto ver: CECCARELLI, P. R. *Don Quixote e a transgressão do saber. Mal-estar e subjetividade*. (No prelo)

26. BETTELHEIM, B. & FISCHER, D., J. L'ultime conversation. In *Nouvelle Revue de Psychanalyse, L'excès*, Gallimard, n.43, printemps 1991, p.327.

SOCIAL BONDS: AN ILLUSION TO FACE ABANDONMENT

Abstract

Based on the interface “cultural development versus constitutive dynamic conflicts of the I”, the author presents the hypothesis according to which the analysis of some Freudian texts, suggests that social bond, a creation of Eros, is one amongst the many “solutions” human being uses to face helplessness. Such a solution is, though, an illusion, in the Freudian sense of the word: a belief motivated by the wish fulfillment, whose force originates in one of the most pressing wishes of the humanity: the necessity of protection through love. The text discusses the major elements that led Freud, between 1905 and 1913, to propose three phases of mankind evolution – the animistic, religious and the scientific one –, whose arguments he found in his clinical work. Before World War I, Freud based his hypothesis on Darwin’s Lamarck’s works, and believed in a progress of civilization. During the War, however, his idea of progress is radically put in question, and it reveals to be an utopia. Freud is obliged to admit that the civilized nations are capable of great horrors. That is to say, the return to barbarity is always a possibility whenever human being narcissism is threatened and he or she must face its helplessness. In such a situation is it civilization as a whole, as well as social bonds, that the risk of disappearing.

Keywords

Social bonds, Utopias, Helplessness, Dynamic drives.

RECEBIDO EM: 30/06/2009

APROVADO EM: 24/08/2009

SOBRE O AUTOR

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo. Psicanalista.

Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris VII.

Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG.

Membro da “Société de Psychanalyse Freudienne”, Paris, França.

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Pesquisador do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental

da Universidade Federal do Pará.

Professor Adjunto III no Departamento de Psicologia da PUC-MG.

Endereço para correspondência:

Rua Aimorés 1239/702

30140-071 - BELO HORIZONTE/MG

Tel.: (31) 8554-0888

E-mail: pr@ceccarelli.psc.br

Homepage: www.ceccarelli.psc.br

